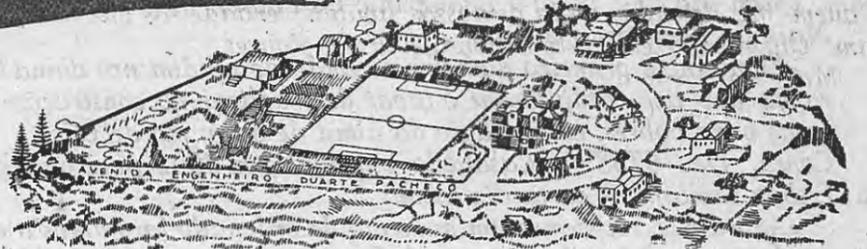




# O Gaiato



Visado pela  
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VIII N.º—186  
Preço 1\$00

## Gritos d'Alma

**N**ÃO me parece que haja meia dúzia em Portugal que recebam tantas cartas como eu; não creio. Avelino chega, coloca o nosso correio sobre a mesa enquanto diz hoje é que é. Eu sento-me. Tomo a facz de abrir. Fecho a porta e encontro-me ali sobre a mesa de trabalho com um mundo. Um mundo!

Algumas há que me não são na la gratas. Fazem doer. São as melhores...! A não ser uma ou outra que guardo para documento, como esta d'hoje, as mais leva-as o Moléstia quando vem ós selos e queima tudo! Tanto queima louvores como condenações. Um Mundo! Esta quero que seja publicada para enriquecer o jornal, e os seus leitores.

«Poderá mesmo não ler a carta, não ler muitas cartas de muitos «outros» que sentiram também a necessária consolação de falar-lhe, que nem por isso elas deixam de constituir um desabafo feliz de muitos corações amargurados.

Verdadeiro confessional livre onde tantas almas ajoelham, sem dar por isso, na confissão espontânea de tantas fraquezas e desilusões, o seu jornal atrai, confunde, revolta tão depressa como vence.

Quem são os desamparados, Pai Américo? Aqueles para quem pede ou aqueles que lhe dão? Por vezes não se percebe, tal a serenidade e confiança que reina na Casa do Gaiato e as lutas e descalabro moral que se apercebem em muito dos «felizes» da lores!

Para ter chegado a tanto deve ter-se imolado muito! Entrou certamente de frente no mar das dores humanas, fez-se corajosamente às tempestades.

E nós hoje vamos, quase egoístamente, até si, levar-lhe novas ondas de dores, novas rajadas fugitivas.

Não nos importa que sofra, desde que sofra connosco e nos alivie. Crentes e descrentes, pobres e ricos, mulheres e homens, tristes e felizes, tudo acorre à casa do Pai Américo — ou melhor, àquele que por amor dos rapazes abandonados ama e escuta a todos.

Ah! E quantas esmolas, como a minha, são tão imperfeitas, nascidas muitas vezes, em parte, do desejo de desabafar máguas, de criticar até o que não nos agrada. Damos e exigimos, como se isto tivesse valor!

Mas por tudo isto é que a Obra é tão diferente e tão bela!

Que abismo a separá-la, a sua Obra de Resgate, daquelas outras para raparigas onde, pretendendo combater-lhe paixões perigosas, ânsia desordenada do prazer, as metem em prisões com grades, debaixo de disciplina revoltante, com obrigações religiosas por conta, peso e medida, e se considera

o rir e o barulho como indisciplina condenável!

Até nisto a mulher é infeliz! Porque não se cuida dela, tanto como dele? Porque não há um Padre Américo que se lembre que não são só os rapazes desamparados que vivem em perigo, e funde para as raparigas dos caminhos, uma casa, uma quinta, onde se transformem e modelem na linda liberdade, alegria, ar livre, compreensão inteligente que impera na Casa do Gaiato?

Não tema, Pai Américo, a cultura, a emancipação da mulher. Temos alma infinita, sede de muito mais do que temos tido até aqui. Tema, sim, que esta emancipação não seja feita pela Igreja!

Pedi-se ao Santo Padre pelos Direitos da Mulher. E «Ele» aceitou a carta que, nesse sentido, lhe entregaram as raparigas católicas de todo o mundo.

Agora que a Igreja não espere que façam outros o que só Ela sabe fazer! Diz tristes verdades esse agnóstico que lhe escreveu e cuja carta só o seu admirável jornal seria capaz de publicar porque, vivendo a verdadeira verdade, nada teme.

Não é a Faculdade, não é a necessidade de trabalhar fóra de casa que torna a rapariga menos digna, menos amiga do Lar.

Acredite, meu Padre. Por via de regra, abandona-se exactamente a cultura, o trabalho, quando o tempo é preciso para os chás, as passagens de modelos, a cultura da beleza, etc. etc. Não são geralmente as empregadas, as estu-diosas, que vivem a «Vida Mundana» e uma vez casadas só querem casa para reuniões elegantes.

Que se ministre a par da cultura geral a de donas de casa, certamente. Já se faz isso no estrangeiro. Que se continue a negar à rapariga, tão incompreensivelmente sobrecarregada já pela própria natureza, o direito àquilo para que sente, afinal, iguais capacidades, é injusto. Fere e revolta.

Combata-se, sim, a prostitui-

ção, tão à vontade em Portugal. O espectáculo deprimente de tanta rapariga da aldeia com filhos de pais ricos, que depois as escorraçam do seu trabalho, ameaçando mesmo se as crianças à portas lhes forem pedir.

Não seria possível que o Padre tivesse mais acção social e ensinasse, por exemplo, a mover acções de paternidade ilegítima quando os pais têm (e até mesmo quando não têm!) posses para dar-lhes o sustento já que lhes deram a vida? Isto, claro, quando se prove que a rapariga até aí se portou bem e merece amparo que ainda possa redimi-la!

Nós não perdemos as características femininas tão facilmente, por certas modificações sociais. Toda a rapariga que teve a sorte de fundar um lar feliz vive para ele, mais que para tudo o resto. E a cultura só ajuda a maior igualdade e harmonia!

Fazem pior, muito pior, as injustiças! E o Pai Américo deve sabê-lo bem! Já tem tido gritos d'alma a nosso favor, que savaram muita ferida, creia!

Damos para a sua Obra, damos para uma igual para rapa-

## UM COMUNICADO

**P**EÇO a todos que não estranhem, por eu não dar resposta às cartas que pedem um lugar. Posições. Categoria social. Algumas em abaixo-assinado. E quando é o próprio viuvo ou viuva! E se são Benfeitores! E eu não respondo a ninguém. Não fujo muito à verdade se falar em uma média de 300 delas por mês! Que mundo! Que tempos! Oh costumes!

Não respondo; que me perdoem. É para ter uma possibilidade de dizer que sim ao enfeitado que se apresenta, em carne e osso; e só para isso.

rigas!

Damos porque damos para os necessitados da nossa cooperação. Eles vivem como nós: com os seus defeitos, as suas brincadeiras, as suas horas de vitórias e derrotas, humanamente livres, da liberdade de Cristo.

Nas outras obras, não. Ajuda-se de qualquer forma, ainda na obrigação de respeitar os estatutos. Estes, governam e maquinam os que dão e os que recebem.»

## AVELINO E JÚLIO

**C**HEGARAM ao pé de mim, a perguntar se seria oportuna a campanha dos cinquenta mil; e já traziam na mão o rastilho:

«Mais assinaturas. Eis o pregão que ora lançamos. Queremos «O GAIATO» mais divulgado e para tal, nós, os Gaiatos da Administração do Jornal, desejamos promover uma grande e profícua «Campanha de Assinaturas».

Creemos que nos acolherão com a melhor boa vontade e empregarão o maior dos esforços. Se todos corresponderem à chamada, a avalanche será de milhares... e poderemos ir buscar outros nossos irmãos, aos sítios impróprios donde viemos!

O pregão está aqui; agora é só mais um sacrifíciozinho e em consequência: novos assinantes que conhecerão «O GAIATO» e a sua Doutrina.»

Ora eu, que me vou sentindo alquebrado e bom para arquivar, dei-lhes carta branca.

Justamente naquela hora, eu tinha acabado de abrir as cartas do correio. Uma de S. João da Pesqueira diz: eu tenho aqui em casa quase por esmola uma pequenita ceguinha que já foi operada 3 vezes e que me pede para lhe ler em voz alta, todos os números de O Gaiato. Eu recebi outra do Porto a dizer: leio o Gaiato de fio a pavio e creio estar assim em dia com o Evangelho. Ainda

outra de Lourenço Marques a chamar ó Gaiato o jornal das lágrimas. E uma de Aveiro creio bem que jamais houve na nossa terra jornal tão apreciado e lido. E esta, da Marinha Grande, fechou o número daquele dia.

«O Gaiato é hoje a única lufada de ar puro a sanear o pântano onde nos vamos asolando — não sei se inconsciente se voluntariamente. «O Gaiato» é a única nesga de céu azul a iluminar o panorama sombrio duma sociedade frívola e egoísta.

E' o Evangelho prático — de teorias estamos nós fartos... — é o amor de Deus em toda a sua sublime simplicidade.

E' a Escola onde os «Grandes», os responsáveis deviam vir aprender a remodelar constituições...

E' Cristo que passa de novo a apontar-nos o Caminho, a Verdade e a Luz!

Bendito seja, Padre, por assim ensinar e praticar e viver a doutrina do Mestre!

Juntou-se tudo; Avelino, Júlio, alguns leitores. Também se junta a necessidade que nós experimentamos de receitas, para acudir aos gastos. E nesta base, eu disse que sim. No próximo número, queiram abrir com cuidado não vá cair e perder-se a circular. Basta que um arranje um, e já estamos nos cinquenta mil. Assim seja.

Quando contente que nem um passarinho! Um novo batismo tomou conta do meu ser! São as casitas dos pobres. Não sabia que o nosso Bom Deus tinha destinado as coisas para eu ter morte alegre e doce, com muitas testemunhas de defesa à beira do meu caixão; — não sabia! E eu necessito muitíssimo de quem me defenda; e são os nossos amigos verdadeiros que nos perdoam. Quem são eles? Di-lo o Evangelho: Os Pobres.

Mais do Porto, no Depósito:

«Envio-lhe o primeiro dinheiro recebido do rendimento duma herança que tive, pedindo-lhe o favor de o aplicar na construção de casas para pobres, em sufrágio da alma de quem mo deixou».

Conto. Deu 675\$90. Casaldelo vai aqui com 100\$ para uma pedra. Lisboa também. A carta diz assim:

«Agora que recebemos um aumento de ordenado formamos o voto de enviar contribuição igual de todos os restantes nossos filhos, cinco ao todo, de modo que no final da jornada já possa ser incorporado o sexto que esperamos.

Um dia chegará também a vez dos pais, minha mulher e eu.

Vivendo do nosso ordenado o Senhor ajuda-nos misericordiosamente, apesar da n/ indignidade. Atribuímos ao número dos filhos as graças especiais que a todo o momento o Céu nos envia.

Reconhecemos a Omnipotencia Divina e a n/ baixa miséria.»

Outra vez Lisboa com igual soma a dizer:

«Envio uma primeira prestação para as casas dos pobres, agradecendo ao Senhor ter-me permitido ver iniciada cristãmente uma realização em que tanto tenho pensado e para a qual nunca tive forças de dar um passo».

E um senhor em casa de quem almocei, deu-me 500\$ para as casas dos pobres; café do melhor, licor de 60 anos e os Pobres.

Estamos com 4.125\$00

# AGORA TRIBUNA DE COIMBRA

**PEDITORIOS** Aproxima-se a época dos peditórios nas igrejas de Coimbra. Foi nos pulpitos destas igrejas onde se anunciou primeiro a doutrina desta cruzada.

Foi em S. Bartolomeu que o grande Ministro, Duarte Pacheco, de saudosa memória, desconhecido no meio da multidão, ouviu este Evangelho vivo e abriu as mãos e a alma.

É por ali que vamos começar já no próximo 22 de Abril. E depois iremos a todas, sem ficar nenhuma para trás; e a todas as «missas», como diz o Sr. Padre Américo.

Espero que nos entenderemos muito bem, senhores conimbricenses. Não falteis e depois ajustaremos contas.

**O QUE NOS VÃO DANDO** Cem de uma universitária; a ciência também é luz; e o mesmo para a tipografia e metade para a casa. Evários géneros e azeite para o mais pobre da Conferência. E' a tal esposa que quer a conversão do marido. Confiança em Deus. E cem para duas missas pelas almas; e roupas e açúcar para a Conferência. E pelos exames de meu filho um fato e muitas roupas. Sim, Senhor; ele que faça o que puder e Deus fará o resto. E dois livros; tudo de Coimbra.

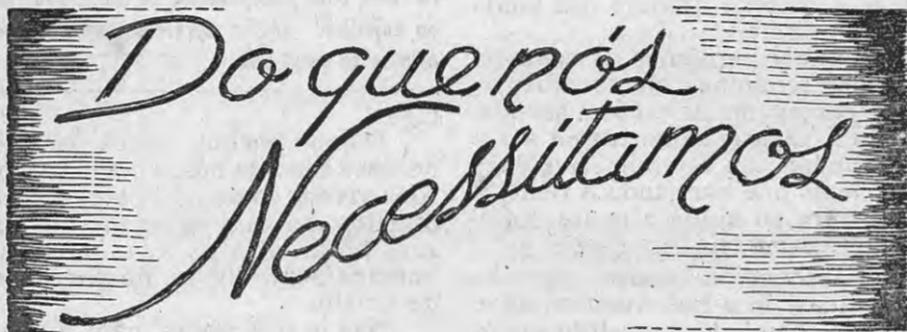
E muitas assinaturas pagas por muitos preços de Amor. E da capital um embrulho de pequenos objectos, oferta que se repete e para todas as casas. E da mesma terra uns senhores com rifas e 30\$00 E uma peça de flanela de um senhor dumas caves de Anadia. Que boa procedencia! Por este andar qualquer dia temos «champanhe».

E a propósito de flanela, os leitores amigos ainda se lembram do apelo que aqui foi feito. Agora já temos o suficiente. Mas aqui é que está o gato. As senhoras das rouparias, vendo o bom resultado, avezaram-se e agora não me largam: *peça chita, olhe as camisas parecer tão mal, tudo roto, não temos nadinha e vem aí o verão e eles já se queixam. Olhe que não temos nada de riscado nem de cotim para calções e eles já andam com borbulhas nas pernas por causa das peças fortes, e mais e mais e mais.*

Eu tenho andado calado à espera e também não queria aborrecer ninguém, mas como vêm, esta vida assim é um grande tormento e tenho de pedir.

Perante tanta confiança dos nossos não resisto e aqui fica e eu fico com muita esperança. São necessidades cujo remédio está na vossa mão.

Padre Horácio



**M**AIS mil escudos do Rio e metade da mesma terra. Mais outro tanto de um assinante de Lisboa, como a carta diz. E mais diz é a minha alma que sente a necessidade de esta esmola nesta Semana Santa e nesta altura em que me vejo bastante desgostoso e preocupado.

De propósito se publica a disposição daquela alma para que o mundo se regosije, creia em Deus e ame. Maria e José, comemorando o nosso 2.º mês de casados, enviamos 20\$. Por muitos anos. Da Maria Helena que mora em Lourenço Marques, outro tanto. Migalhas ultramarinas, como gosto eu delas!

Mais Um pai da Figueira da Foz mandou 50\$. Mais 20\$ de um assinante pobre. Mais 50\$ de Casaldelo. Mais dos 7 amigos de Matozinhos. Mais estes 50\$ tirados à minha mesada. Mas que beleza! Quem é capaz de arrancar pérolas do fundo das almas?! Mais 100\$ do Porto. Mais outro tanto de Guimarães. Mais de Famalicão, 50\$; — pensei comprar umas cortinas, mas lendo o vosso gaiato resolvi não o fazer e dar o dinheiro que tinha conseguido apurar. Como a Caridade exalta as coisas pe-

queninas! Estes sacrifícios escondidos e aqui declarados, são a presença real de Deus entre os homens. Mais do Porto 200\$; — 100\$ meus e 100\$ de minha mãe. Mais eu que tinha saído a visitar pobres e no regresso encontro 3 contos de Ponte do Rol para distribuir pelos seus pobres. Quantas e quantas e quantas vezes isto me não tem acontecido?! Mais 5\$ de Lisboa. Mais de Segura 4\$. Eu adoro estas migalhinhas e parece que não devia; as nossas despesas são astronómicas. Mas adoro. Eu quero muitos a dar pouco, para que todos possam enriquecer.

Mais esta carta de um Homem que vai começar vida e começa bem. Ela diz volumes.

«Esta será a minha última carta de solteiro, o meu último gesto de rapaz sem preocupações. A maneira de «despedida de solteiro», em lugar de gastar dinheiro em jantares terminados em embriaguez e outros actos menos dignos, preferi recordar-vos pois sois uma das minhas dívidas de gratidão.

Em vale postal seguem 600\$, sendo 100\$ a importância da minha assinatura anual do Gaiato, e os 500\$ (algo da minha

economia de estudante) para obras e despesas, principalmente ocorridas com o Famoso.

Não vos admireis que os não tenha enviado, com outro fim, como Barredo, Conferência ou para a Obra em geral. Não! Há-de ser precisamente para o Evangelho Vivo que tantas lágrimas me fez verter, tantos momentos felizes me causou; Os «Barredos» conferências, e protecção à criança tenho-a em Coimbra. Esses terão igualmente o seu quinhão, pois foram a minha 2.ª dívida de gratidão na formação do meu carácter e personalidade.

Assim, momentos antes de dar um novo rumo à minha vida, não quero esquecer o Lactário de Nossa Senhora dos Estudantes de Medicina, que em Coimbra me pôs em contacto com as crianças que em tão tenra idade começam a sofrer, igualmente não poderei esquecer o Gaiato, que nas suas palavras simples, me inflamava e ajudava nos cometimentos cada vez mais arrojados do Lactário. Agradecei ao vosso Pai Américo aqueles artigos de «Doutrina» e da «Tribuna» tão desempoeirados e corajosos, semente minúscula da árvore frondosa que virá reformar esta nossa sociedade.

Com um abraço afectuoso de gratidão me despeço, e a vós peço e ao Padre Américo umas pequenas orações pelo meu novo lar e sobretudo pela educação dos filhos que Deus me enviar.

## O NOSSO JORNAL

○ Carlos do Porto tendo perdido, como já aqui se disse, a praça de Espinho, resolveu tentar Guimarães. Sabendo eu disso, avisei o Comando da Polícia de Segurança Pública daquela cidade e pedi benevolencia. Já assim tinha feito com o de Aveiro.

Abel foi.

Um amigo de além mar, manda uma lista com cerca de duzentos nomes. Alguns são do Congo Belga. Veio um cheque generoso a responder por todos. Que bom? A gente precisa tanto e tanto e tanto!

As vezes vem-me o tino; a inteligência das coisas terrenas. Atravesso, com esse tino, os refeitórios de Paço de Sousa, e vejo tudo a rilhar. Transporto-me, com aquela inteligência, aos refeitórios do Porto, de S. João da Madeira, de Coimbra, de Miranda, do Tojal e vejo tudo da mesma sorte.

Sinto, na minha pobre vida, o peso da formidável carga. Nesta inteligência, vejo os problemas de cada um; as idades inquietas; as tendencias; e também o meu problema!

O que então se passa na minha alma é coisa inenarrável. Entro a desfalecer. Quero fugir. Mas isto dura pouco tempo. Deus tira-me o tino e dá-me a sua loucura. Já não vejo nada; já não sinto nada. Os problemas de todos e o meu também, ficam num instante resolvidos. *Homem de pouca fé, porque duvidas?!*

Senhor de Misericórdia; não retireis jamais da minha inteligência a loucura do Divino!

# ISTO É A CASA DO GAIATO



Piolho ficou hoje na cama. Era constipado. *Molhei dois lenços*, como ele comunicou. Mandou ó Botas pelo seu café, e até aqui está muito bem. Botas obedeceu e arranjou o taboleiro. O pior foi o Chefe. Chefe pergunta para quem era. *Murtosa* informa. *Não senhor; Piolho que se levante*. E o Piolho levantou-se. Eu não estava; tinha ido ficar a S. João da Madeira. Sei que o Fernando se queixara e dissera amargamente que se eu estivesse, não seria assim. Já o Cete me tinha dito *quando v. morrer vai ser aqui o diabo*. E vai. Ninguém pode arranjar uma constipaçãozinha nem tomar o café na cama...



Há dois dias que eu, se quero o meu café, tenho de ir por ele à cozinha. O Bernardino não aparece a horas. O Bernardino acumula; é o dos pintainhos e das galinhas chocas. —D'onde vens? —De botar de comer ós pitinhos. São as acumulações que causam estes males.

Por pintainhos; vai aqui uma grande paixão. E' entre os mais pequeninos que a ausencia é mais dolorosa. E' que nós tivemos de mandar os pintainhos daqui pra fora. Estão em casa da Semarquinhas de Crestelo. Meteram-se dentro de um cesto mai-la galinha; *Gari* traçou milho na mó e encheu um saquinho dele inteiro, prá galinha e entregou tudo ó Bernardino e este foi levar tudo a casa da Semarquinhas de Crestelo. E' a ver se os salvamos.

Não é nada; são os mais pequeninos que, de tanto amar a vida, comprometem a vida!

Eles querem sentir os pintainhos nas suas mãos. Apertam. Pisam. Algas sucumbem!

A maior vida das nossas aldeias é a vida natural das plantas e dos animais, comunicada, naturalmente, a cada um deles. Os livros estão errados. E' a Natureza.



Estes dias tem sido aqui em casa um quase equinócio; tudo transborda. Em primeiro lugar, era o Senhor Arcebispo de Cízico, a fazer a páscoa da Comunidade. Pensava-se que Ele se sentaria numa cadeira, como costumava ser com os mestres, mas não. Era no meio da capela, rentinho ao seu auditório, fazendo sentar no chão os deles mais pequeninos.

Estes bebiam e bebiam e bebiam. Eram as Párabolas. Um deles, no fim de uma das práticas, de entusiasmo que ficou, foi buscar ao sítio onde escondia o seu maior tesouro para mostrar ao pregador: *Olhe que bonito, tem dois bicos*. Era o seu pião! Tudo transborda.

Em segundo lugar, calhou neste tríduo o vinte e um de Março—a Primavera. Fez sol, depois de tanto inverno.

Ouviam-se melros e outros passarinhos

Tudo transborda.

Depois, S.Bento. O Homem que desbravou tem a sua festa naquele dia. Tantas datas e acontecimentos sérios e queis, dos quais a nossa aldeia dá fé,—tantos! Mais. Nasceram durante aqueles dias muitos pintainhos. O Bernardino veio-me dizer que são carecas. *Vi agora mesmo nascer um carequinha*. Foi assim que ele me disse. Mal sabe ele, o Bernardino, que por sua causa foram os outros e também hão-de ir estes para casa da Semarquinhas de Crestelo!

Mais ainda. Nasceu também um toirinho preto-branco. Fui convidado e tive de ir ver—*Ele tem as pernas muito compridas*, era a voz que corria na aldeia. Tudo transborda. E' a maré cheia.

Eu também não cabia em mim de contente. A alma não envelhece. Como tivesse recebido uma encomenda para o *Risonho*, feita de um mundo de coisas, abri a caixa e fui chamar o Tino e o Albertino. Coloquei sobre a mesa do meu escritório; disse-lhe que escolhesse e saí a rezar o meu terço. Era um perfeito bazar colorido. Os dois ficaram. Quando voltei, ainda não tinham escolhido! Eles queriam naturalmente o melhor. Nós somos todos assim. A nossa alma, sem dar por ela, procura o Infinito...

Decidiram se por dois relógios de pulso; a caixa traz doze. Eu recomendei que se alguém me viesse pedir um relógio era sinal de que eles tinham falado e que, nesse caso, eu ia e tirava-lhos. E assim tenho escapado à invasão...

O Récio já tem aqui vindo mais vezes. Ele é da Murtosa, de onde temos tido outros muito e muito falados. É o refeiteiro dos grandes. Ontem, sábado de aleluia, chamei-o em público, enalteci e ofereci-lhe uma caneta formosa, encontrada em oiro! Disse-lhe que assim procedia, por ele cumprir impecavelmente. O prémio, foi, também, uma chegadinha ó Bernardino, meu refeiteiro, que fica muito aquém do Murtosa...



Os grandes ouviram o meu sermão e culminaram com vivas e palmas. Mas não ficou por aqui. Alguns também lhe ofereceram coisas do seu arsenal e uma comissão, em nome de todos, veio-me pedir licença para hoje, domingo de páscoa, assentar o Récio à minha mesa, às três refeições, e que os grandes fariam o serviço dele. E assim aconteceu.

O Récio é a andorinha da nos-

sa casa; todos chamam por ele—*Ó Récio*. E ele vai buscar à cozinha, quase vertiginoso, sempre alegre e bem disposto. Gosto tanto de o ver agora, com a caneta na bainha da camisa, oiro a reluzir! E' tão fácil semear alegria; tão doce colher alegria! Senhor do Céu, que estes me amem e perdoem as minhas faltas.



Eu já sabia que todo o mundo se interessa pela nossa vida, mas tanto não! Agora é que se vê tudo, com a notícia da pega que tiveram Piolho e Avelino, por via dos preços e distribuição de dinheiros. Agora é que se vê tudo. Desde então, é rara a carta que não traga já a paga feita: *x para o livro e x para o Gaiato*. Alguns vão mesmo mais longe e explanam; *para evitar rixas*. Sim senhor. Todos sentem connosco. Mas Piolho não tem emenda. Piolho exorbita e não está livre de outras... Agora mesmo saiu daqui o Avelino, com uma queixa: *Piolho foi-lhe a goma arábica para colar rótulos nos livros, quando devia ter usado papas*. Piolho declara que as papas tinham acabado e que se aproximava a hora e que não teve outro remédio, mas que não tornava.

Piolho, costumava ir ó Araújo @ Sobrinho comprar tudo quanto lhe apetecia e quando eu dei fé, a conta ia por aí fora. Chamei Piolho e cortei; *nunca mais*, disse-lhe. *Se lá apareces sem uma ordem, eles põem-te na rua*. Ora Piolho, humilhado, nunca mais voltou à loja, nem com ordem nem sem ela: daí as suas idas ó Avelino.

A senhora dos emblemas veio hoje, domingo de páscoa, com um carregamento de amendoas, assim como tinha feito, pelo Natal, com bolo-rei.

Deus acrescente a vida à senhora dos emblemas e seu marido.

O que eu mais gosto de ver cá por casa, é o rapaz com nacos de pão no bolso, comendo dele quando lhe apetece; é o que eu mais gosto de ver! Agora mesmo venho das oficinas e lá noto o sinal da Benção perene do Altíssimo: abundância! Sobre cada mesa coloca-se um açafate, dentro deste, fatias de boroa, de onde cada um toma a que quer. Eu à noite, na capela, prego. Prego o pão de cada dia. Com este pão que

a terra dá, pregam-se maravilhas e eles acreditam. Porquê? Porque eles comem-no. Ele está na mesa, dentro dum açafate. E' o *Gari* que acende o forno todos os dias. Eu cá não dou licença que outro no mundo seja mais feliz do que eu, só por ter dentro do meu peito esta alegria inenarrável—dar pão! E' justamente por isso que estes rapazes acreditam em tudo quanto eu faço e digo. Da mesma forma o mundo acreditaria nos seus dirigentes, se eles puzessem na mesa dos que precisam, açafates de pão. Que felizes, se tal fizessem! Porquê? Por serem mandatários. Mandatários de Cristo Jesus. Executores do Seu Mandamento! Oh felicidade!



Contra o meu costume, retirei-me hoje da mesa antes dos meus dois comensais, e deixei-os a tomar o café. Pouco depois passo e vejo pelo postigo o Bernardino, o Pombinha mai-lo Récio; todos refeiteiros das diversas secções. Bernardino estava de pé, à mesa, a beber leite de uma chávina e a lambem mel de uma tijela. Os dois, ajoelhados sobre mochos, debruçavam-se nas mesas, a ver o seu companheiro, mas não tomavam leite nem lambiam mel. Nisto entrei e fingi-me admirado.

—*Que é isto aqui?*

Bernardino não fazia conta. A chávina ia em meio.

—*Foi o Avelino que me deu este leite.*

O Avelino é assim. Avelino gosta de dar. E também te deu aquele mel? Não senhor. O Avelino não lhe deu aquele mel. O mel é que se deu, pela sua doçura... Eu tinha visto do postigo; Bernardino metia a ponta do dedo na tijela e lambia. Que belezal! Leite, mel, e três crianças ao pé! Se as Mães deles, por viciosas, trocam por um homem que não é seu o pai deles e os deixam nos caminhos;—se assim é—que o Pai do Céu os conforte, com leite e mel!

## AQUI, LISBOA!

NÃO podemos dar ainda a notícia da festa da inauguração do Casal Agrícola. Já o jornal anda por aí quando ela se realizar.

Contudo podemos desde já comunicar que não faltaram a assinalar a sua dedicação à Obra, o Senhor Cardeal Patriarca que tem estado connosco desde que nos deu este seu Palácio e quinta, e os numerosos e dedicados Amigos que também desde a primeira hora seguem, par-e-passo, o desenvolvimento da casa.

A avaliar pelo entusiasmo que vai por aí, a gente humilde da terra, também colabora entusiasticamente.

Mais do que em Miranda e até do que em Paço de Sousa, os nativos trazem a Casa no coração. Sem serem convidados, tivemos agora a visita dos Bombeiros, da Filarmónica e da Tuna local.

Com discursos e com notas de música, vieram dizer-nos quanto apreciam a Obra.

Mas quem há-de fazer a festa são os nossos Rapazes. Já estão encomendados os foguetes, a corda do sino e as bandeirolas. Vêm aí os desportistas para o desafio de futebol e tudo o mais que numa festa de Rapazes se exige.

Apesar disso muitos preferirão o Portugal—Itália.

E' o Estádio, são os ases, é a febre da bola...

Paciencial!

P.º Adriano



A variedade. A desigualdade. A ordem na desordem.



AO passar hoje por Coimbra tive ali conhecimento de que, na nossa primeira Universidade, um professor dera uma lição do que ele chamou: *A pedagogia do Padre Américo*.

E rematou: *ele (eu) é o primeiro pedagogo de Portugal*.

Escutei e segurei-me. A caminho do Porto, dentro do *Another*, dei em cismar de como é possível chegar-se a um tal primado, sem saber caminho nem carreira. Eu cá não dou fé de nada! Tenho tido a suprema e rara felicidade de receber luz do céu para ver as minhas deficiências; e no que toca a eficiências, tira-me Deus o tino. Não dou fé de nada!

Será por amar muito que eu tanto acerto? Mas isso não é ciência; são eles que me atraem. Eles são a chama.

Seja pelo que for, o certo é que na Universidade de Coimbra um professor, em lição pública, proclamou-me o primeiro de Portugal. Ora isto é de grande responsabilidade para a Nação, se ela ouve e não faz caso.

Tem acontecido muitas vezes, e ainda ontem foi o caso, apare-

cer nesta casa de Paço de Sousa, homens que foram outrora alunos da extinta Casa Pia, a qual funcionava no velho convento. São testemunhas qualificadas. Sabem o que aquilo era e sentem o que isto é. Eles não têm palavras; explicam-se por interjeições. Revivem a sua infelicidade na presença deste oceano de trabalho e de luz.

Oçam-se estas testemunhas e corrija-se o que está mal. É a vida da criança que o pede. É a justiça social que o exige. Um outro visitante de há tempos, também ex-aluno da mesma casa, teve um ataque de choro ao pé de mim. *O que aqui nos faziam padre!* Era raiva. Desabafo de injustiças.

D'acordo. Todos nós sabemos que as reformas são dolorosas, quando impostas. Mas neste caso, não vamos impor nada a ninguém. Pomos os dados.

Uma autoridade declara que a pedagogia das Casas do Gaiato está certa. Os ex-asilados declaram que a pedagogia dos seus ex-asilos está errada; e estes também são autoridade. Que falta, pois? Entendimento. Mais nada.

## Notícias da Conferência da nossa Aldeia

CADA vez que ouço da epidemia bélica, cataclismos e coisas mais ou menos semelhantes, olho aterrado para dentro e pergunto a mim mesmo, algumas das causas. São simples e à vista de toda a gente... O problema está em amar os pobres, sacrificarmo-nos por eles e dar-mo-nos. Alguém se sente bem com a barriguinha vazia? Alguém se sente bem na miséria? Poucos ou ninguém. O mundo materializado e indiferente despresou facilmente a Doutrina do Amor. Senão...

A Obra da Rua continua a fazer soar o Pregão — e executa. Agora casas para os nossos pobres.

Eu tenho ido pelo Barredo, tenho visto bairros de latas e as tocas dos de cá de pedras sobrepostas com frinchas — no inverno é que é! — que fazem tremer... Vi e vejo todo este panorama que a sociedade não havia de permitir. Mas... E pouco ou quase nada se tem feito no capítulo de casas para pobres! A solução é prática, simples e é só realizar; porque esquecendo os irmãos pobres, a sociedade precipita a sua sobrevivência. Mais vale prevenir, que remediar; não é assim?

Uma prova e uma consequência; a alegria transbordante e extraordinária do meu visitado: *uma casinha, uma casinha!*... Quem não deseja uma moradia decente?

Então no barredo... Quem lá for tem de fechar os olhos à entrada, tapar o nariz e assim talvez consiga vislumbrar.

Transformar-se barredos e mais, em casinhas simples e airo-sas; dar-se o necessário a quem o não tem — eis o principal problema da actualidade.

Quanto à desorientação, é a consequência da indiferença...

Mudemos de assunto e vamos ao que chegou a nossas mãos. Quem fala hoje primeiro é o Algarve, por intermédio de Faro, enviando uma nossa leitora 20\$00. Vou fazer um chamamento ao coração dos algarvios a ver se... E sabem ao que a gente anda...

Depois NAMPULA; não levem a mal que as letras vão em caixa alta; é para todos verem como a caridade não tem fronteiras, nem bairrismos, nem nada — é o Pobre, um nosso irmão que sofre. A África também está tomando gosto pela actividade vicentina. Para a frente, não se atrapalhem; cá recebemos tudo.

A cidade dos Arcebispos continua a mandar. Desta vez são dez escudos; migalhas. Que sacrifício não demonstram algumas, no tempo que passa!... Senhoras e Senhores de Braga, pouco, mas certo...

Temos em mãos uma carta de Vila Moreira e ao mesmo tempo que liquida a assinatura, lembra-se; são 50\$00 e notem, é uma maneira muito interessante de se não esquecerem. Há precedentes; é um aviso...

Dirigido ao chefe dos serviços de contabilidade, alguém já conhecido de nome, remeteu 8\$50. Estas migalhas significam que há-de vir outras, periodicamente. A nossa conferência só vive deste cantinho.

Acabou; nada mais esta quinzena. Para quem desejar explicar-se o caminho é simples: Casa do Gaiato — Paço de Sousa. E encarregar-nos-emos de ser portadores, do que quizerdes enviar para os Pobres. Entretanto, até à próxima se Deus quizer.

J. M.

## PELAS CASAS DO GAIATO

**PORTO** No domingo de Páscoa o nosso grupo de futebol deslocou-se a Paço de Sousa para defrontar a equipa local. O jogo era esperado com grande interesse. Faz agora um ano que o nosso team foi fundado e desde o jogo de estreia contra o Sporting de Espinho «Juniore» em que vencemos por 2-1, ainda não perdemos. Este era um dos motivos porque o desafio despertava entusiasmo. Os grupos formaram, Paço de Sousa: Caminha, Constantino e Sérgio; Manuel, Gari e Chiba; Caniço, Vieira, António, Malia e Lisboa.

Lar do Porto: Alfredo, Costa e Durães; Diamantino, Daniel e Prata; Lourenço, Amadeu, Carlos, Silva e Chico. A primeira parte do jogo terminou com 1-0 a nosso favor. Durante os quarenta e cinco minutos o domínio pertenceu-nos, mas a linha avançada não correspondeu por falta de remate. No segundo tempo a equipa de Paço de Sousa dominou. Faltavam dez minutos para terminar o encontro quando marcaram o seu gol. Ainda não foi desta que a nossa invencível turma saiu do campo com a derrota. Para breve teremos mais dois jogos importantes. Um em S. João da Madeira onde vamos defrontar uma equipa daquela vila, outro em Matosinhos talvez antes do Leixões-Salgueiros.

Carlos Gonçalves

**PAÇO DE SOUSA** No dia de Páscoa ouve cá um grande desafio entre o grupo do Lar do Porto e o grupo de Paço de Sousa, em que os grupos empataram a uma bola. Os do Porto tiveram sorte porque o Sérgio estava doente, se não eram capaz de apanhar uma duzia, como no ano passado. O Carlos que é o chefe do grupo escreveu ao Sr. Padre Américo a dizer: *Vamos dar uma lição a esses tipos.*

Contentem-se os senhores jogadores do Lar do Porto com o empate, porque se o Sérgio não estivesse doente era aquela conta...

Esta manhã ouve cá uma grande trapalhada. Foram os canos do fogão que rebentaram. Alguns dos rapazes começaram logo a gritar e a dizer que era preciso ir arranjar barcos para se poder andar na cozinha. Agora já estão bem porque o latoeiro já veio compor.

Alfredo Rosa

**S. JOÃO DA MADEIRA** Merece referência especial, e sobretudo aqui no Famoso, os artigos que nos têm dado, ou melhor os presentes que tão delicadamente nos têm oferecido. Em primeiro lugar destacamos dois guarda-chuvas novos da Fábrica Sanjoanense; e mais um dos ditos de outra fábrica que não sabemos a firma, mas que não tem importância. Foi sem grandes dificuldades que conseguimos arranjar um suíno; é interessante, tencionávamos arranjar um, e conseguimos arranjar dois. Vejam os leitores quem nos arranjou um: foi um sacerdote das Missões de Cucujães, cujo apelo lhe foi comunicado por um seu amigo, a que devemos parte do desenvolvimento deste lar. O outro

foi um Senhor, sócio da Fábrica de Calçado «FOX» que também nos ofereceu um par de sapatos. O Sr. José Augusto Teixeira ao oferecer o dito porco, descreveu estas simples palavras: *Com muita simpatia ofereço um porquinho. Muito e muito obrigado; Deus lhe pague.*

Com respeito a fruta, temos tido abundantemente laranjas. A quem devemos esta fruta, à Senhora D. Arminda de Casaldelo. Esta incansável senhora é uma ou naturalmente a melhor Benfeitora que tem aparecido aqui em S. João da Madeira. Deus lhe dê uma vida longa, para nos continuar a ajudar tão carinhosamente e tão generosamente, como até aqui. Sr. José um dos nossos maiores amigos teve a lembrança de nos arranjar um livro de missa, e um terço para cada um. Este Sr. José trabalha na «Oliva» e vive honestamente. Tem-nos ajudado em casos difíceis e noutras coisas. Tudo isto é pouco, mas com a boa vontade e com a esperança de mais, vai para a frente. Quem não quiser ou não puder distribuir, mande para cá e nós faremos chegar as coisas ao seu destino. Que todos os leitores nos ouçam.

A todos sinceramente, muito agradecidos.

Os males que ultimamente se têm registado no nosso Lar, vão desaparecendo lentamente. O Fonseca já está curado da terrível ferida que tinha. O Rui já saiu do Hospital, ainda não está completamente restabelecido, mas já está incomparavelmente melhor. Já se vê, não está na cama; enfim está quase bom. O Pai Américo a quando de uma das suas últimas visitas, foi visitá-lo ao Hospital e ficou muito, muito triste, por ver o nosso irmão tão doente. Mas agora graças a Deus já se pode alegrar. O Sr. Doutor Melo Tavares também foi incansável com ele.

Atendendo ao nosso pedido, a Redacção da Stadium teve a amabilidade de nos enviar semanalmente a dita revista. Como já não vamos esta revista há muito tempo, foi com imensa alegria que recebemos a primeira. Tencionamos agora escrever para a «Flama» e mais alguns jornais desportivos. Na primeira a que escrevemos, não fomos mal sucedidos, e assim pensamos que seja nas próximas cartas que enviarmos. Ao falar em revistas e etc. vem a propósito de descrever alguns penmenores acerca da nossa biblioteca. Apesar da biblioteca não ter tido grandes vantagens, também não tem descido, antes pelo contrário. Ainda há dias recebemos uma encomenda postal com Selecções do *READER'S DIGEST*. Quem as mandou foi uma Senhora de Lisboa. Esta primeiramente escreveu-nos um postal a perguntar se aquelas leituras nos interessavam. Pela segunda vez mandou as ditas revistas com um bilhete postal. Ao terminar o seu postal a nossa Benfeitora descreve o seguinte: *Subscribo-me com a nossa maior admiração pela vossa Obra e pedindo a Jesus inúmeras graças, para que ela se expandir. Que lindas e curiosas preces. Que Deus lhe pague e lhe conceda todas as graças. Por hoje a respeito da Biblioteca mais nada. Só cá espero muitas e muitas coisas.*

José Maria Saraiva

## Cantinho dos Rapazes

CHAMO aqui a vossa atenção para a crónica do António Teles, vinda d'África, a primeira de muitas que esperamos ansiosamente. Ela foi lida por todos os assinantes mas destina-se sobretudo a vós. Deveis todos olhar para as nossas colónias como campo preferido. Agora mesmo acabo de arranjar a passagem do Carlos Alberto, para Luanda. Era da mecânica e vai para mecânico. Os senhores da Companhia Colonial de Navegação, ofereceram a passagem! Quam gratos lhes não estamos! E lá vai o Carlos Alberto.

A Crónica do Teles é cheia de formosura; ele escreveu com toda a sua alma. Quem diz o que sente, diz sempre bem. Ele fala com entusiasmo da nossa actividade vicentina; ele era Um Vicentino! Deus há-de necessariamente ajudá-lo. Tem cá a pedir por ele, na Casa de Paço de Sousa, o Joaquim da Reboleira, hoje um homem pequeno, trazido do lixo, por ele, o António!

A nossa África está por povoar. Quando ouvires dizer que em Portugal há gente a mais, não é assim. Não há ninguém a mais. O Pai Celeste não se engana nem nos engana. O que há é mais gen-

te disponível para trabalhar em África. Isso sim. Então que devemos fazer? Povoar. Para isto é que os capitais são necessários. Semear em terra de todos, a bem de todos. Ora aqui tens.

Faz de conta que vais de comboio desde Faro a Monção, e não vez nada senão mato. O comboio avança, avança; tu espreitas e só vez capim. Isto é África; a nossa África. Mas aqueles terrenos produzem tudo. Tudo. Milho, trigo, centeio, feijão, cevada, arroz, melancias, laranjas, uvas, morangos. Café, algodão, cizal, chá, açúcar, bananas. Então que é preciso? Povoar. Podem-se construir casas, abrir caminhos, fazer cidades, tudo. E quem faz isso tudo? Os que estão a mais aqui, e ali faltam. Eis.

Toda a extensão aonde agora está o Teles, era capim. Hoje é o que ele diz. Porquê? Está sendo povoada. Só isso. Ele tem o Missionário. E o que eles fazem! Como são amigos! Ainda ontem passei por Coimbra e vi dois frades capuchinhos que estão estudando medicina na Universidade, para curar feridas por amor de Deus! As vossas feridas, — quem sabe?! Pois bem. Brio Esforço. Confiança. Olhos em África.